

4.

Colégio Guarani: espaço marcado pela pluralidade

A escolha do campo de investigação dessa pesquisa obedeceu a dois critérios: (1) Escola de ensino médio, pois constatamos uma carência de estudos sobre bullying entre adolescentes. (2) Escola pública que atendesse estudantes de vários bairros. Optamos em trabalhar com a rede pública com o intuito de compreender o bullying entre os adolescentes oriundos das classes populares e moradores de comunidades periféricas. Essa escolha reflete a preocupação em olhar para um grupo de estudantes marcados por todos os tipos de desigualdades. Além dos dois critérios, o colégio Guarani é uma escola que foi escolhida como campo de pesquisa por outros doutorandos do Grupo de Estudos sobre Cotidiano, Educação e Culturas (GECEC). Isso facilitou o acesso à equipe escolar e contribuiu para agilidade e andamento da pesquisa, pois tivemos a oportunidade de compartilhar observações sobre o campo, bem como algumas informações qualificadas sobre os sujeitos de pesquisa.

Assim, o Colégio Guarani correspondeu aos critérios que estabelecemos. Trata-se de uma escola pública de ensino médio localizada na Zona Sul da Cidade do Rio de Janeiro. A escola foi inaugurada no ano de 1965 sob o lema “Liberdade com responsabilidade”, que ainda hoje é mantido como orientação em seu projeto pedagógico. É interessante lembrar que em 1965 o Brasil era governado pelo general Castelo Branco, completávamos um ano de ditadura militar e o lema da escola já reivindicava a necessidade de liberdade para a educação. Mas, ao mesmo tempo ressaltava a importância da responsabilidade, um valor associado à ordem social que foi tão glorificada pelos governos militares.

Atualmente, a escola funciona em um prédio próprio. Sua estrutura física é constituída de três andares, com 21 salas de aula; dependências administrativas; sala de professores bem ampla e fisicamente bem estruturada; biblioteca; uma sala de leitura; sala de informática; sala de vídeo; sete banheiros; laboratório de ciências; pátio bastante extenso; três quadras de esportes, sendo uma coberta e duas descobertas; auditório; cozinha e um pequeno refeitório, que atende

satisfatoriamente a quantidade de alunos, pois conta com um sistema de rodízios bem organizado.

Nosso período de observação durou um pouco mais de dois meses. Durante 76 dias foi possível observar que o espaço da escola, em geral, é mantido organizado e limpo, o que pode indicar uma boa relação dos estudantes com sua escola, demonstrando também sentimento de pertencimento dos/as jovens à comunidade escolar, com uma importante ressalva para as condições de manutenção dos banheiros, pela ausência de papel higiênico e sabonete. Segundo relato de alguns professores, as condições gerais de manutenção do colégio já foram melhores, em um passado recente, quando a direção usufruía de maior autonomia orçamentária, devido ao aluguel de outdoors no espaço físico da escola.

A escola é vista como uma instituição de excelência no ensino público estadual, atraindo estudantes de bairros distantes, moradores inclusive da Zona Norte. Provavelmente essa reputação está associada às atividades que a escola oferece: oficinas de teatro e dança, projetos sócio-educativos e professores engajados em atividades extraclasse. O pátio é um espaço dos/as estudantes que o ocupam nos momentos de entrada, saída, recreio e quando são liberados das aulas. Merece ser ressaltado o pouco controle e vigilância sobre os estudantes, quando se encontram no pátio, o que se percebe pela pequena quantidade de inspetores/as presentes no pátio (geralmente dois) e um por andar, como também, pela permanência dos/as docentes na sala de professores/as durante o intervalo do recreio. Esta pouca vigilância, que se deve à carência de inspetores e funcionários, não nos pareceu a princípio ter grandes implicações, posto que não foram observados comportamentos agressivos ou violentos no pátio. Sempre que soa o sinal, a maior parte dos estudantes retorna prontamente às suas salas de aula.

Os/as jovens estudantes utilizam diversas formas de descontração no pátio, como ouvir músicas individualmente, jogar cartas ou bola. As quadras são usadas para futebol e vôlei, e suas arquibancadas servem de ponto de encontro. Alguns jovens se mantêm o tempo todo conectados a celulares e aparelhos eletrônicos, utilizando-os para ligações, trocas de mensagens, música e fotografias. O fone de ouvido é muito presente e, muitas vezes, compartilhado. Entretanto, isso não

significa que não interajam, já que as conversas entre os/as participantes dos grupos ocorrem independentemente de estarem ou não ouvindo música ou enviando mensagens. Os estudantes organizam torneios de vôlei, os jogos são bastante disputados e acontecem com mais frequência no turno da tarde, sempre com disputas entre turmas e sem divisão por sexo.

O momento das refeições nos chamou bastante atenção. A escola oferece aos estudantes, professores e demais funcionários, duas refeições por dia (almoço e jantar), elaboradas na própria cozinha, por merendeiras e que trabalham há muitos anos na escola. A relação dos estudantes com as merendeiras é permeada por momentos afetuosos e de respeito. Observamos que um número significativo de alunos almoça e janta no colégio e o fazem de uma forma organizada e tranquila, aguardando sua vez na fila e depositando os restos de comida em local apropriado. Estudantes, professores e funcionários compartilham o pequeno espaço do refeitório. Os poucos dias em que esteve lotado, presenciamos alguns estudantes sentados ao longo do pátio almoçando e conversando. Os estudantes do turno da manhã ficam na escola para o almoço. Os estudantes do turno da tarde chegam mais cedo para almoçar antes do início das aulas, o que nos possibilita supor que não almoçaram em casa e que esta talvez seja uma das principais refeições do dia. Também observamos que muitos estudantes têm o hábito de repetir a refeição e não vimos nenhum tipo de advertência para esse comportamento.

Apesar de contar com laboratório e biblioteca, não observamos uso frequente destes espaços pelos professores. Sobre o laboratório, especificamente, uma das professoras de química relatou ter dificuldades em utilizá-lo com suas turmas, devido ao grande número de alunos, o que colocaria em risco sua segurança sobre o uso e contato com substâncias químicas. Já a biblioteca é utilizada apenas com o espaço de estudo. Não encontramos um funcionário responsável pelo acervo e a escola não trabalha com empréstimos de livros. Quando indagamos à direção sobre a biblioteca fomos informados da carência de funcionários e do “relaxamento” dos estudantes, sendo assim impossível elaborar um projeto de empréstimo de livros.

O número de alunos atendidos pela escola varia durante o ano letivo. Ao final do ano de 2013, pelos dados censo escolar²⁴, por exemplo, estavam frequentando as aulas 1.974 alunos. Por sua vez, no início de 2014, a escola contava com 2.451 estudantes matriculados, sendo que, já no encerramento do 1º bimestre, apenas 2.217 frequentavam as aulas²⁵, o que nos permitiu concluir que a evasão escolar é um problema enfrentado pela escola. Não sabemos os motivos desse quadro de evasão, mas a direção nos informou que nos dois primeiros anos do ensino médio muitos estudantes começam a trabalhar para ajudar as despesas de casa e com isso abandonam a escola; alguns pedem transferência para o turno da noite, mas após alguns meses acabam abandonando as aulas definitivamente.

A escola está organizada em três turnos, sendo que a pesquisa teve como foco apenas os turnos da manhã e da tarde. O turno da manhã possui 2 turmas de 1º ano do EM, 11 turmas de 2º ano e 8 turmas de 3º ano; já o turno da tarde possui 14 turmas de 1º ano e 3 do 2º ano. O turno da noite possui a especificidade de oferecer, além do ensino regular, a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), possuindo 5 turmas de 1º ano do EM regular e 4 turmas de 1º ano EJA, 4 turmas de 2º ano do EM regular e 2 turmas de 2º ano EJA, 2 turmas de 3º ano regular e 2 turmas de 3º ano EJA. No total, a escola possui 57 turmas, sendo 25 de 1º ano do EM, 20 de 2º ano e 12 de 3º ano. Nota-se assim uma queda de mais de 50% no número de turmas entre o 1º e 3º anos. A escola atende ainda a alguns estudantes com necessidades educacionais especiais, incluídos nas turmas regulares (surdos, deficientes físicos e autistas).

Quanto ao corpo docente, este é constituído por 133 professores regentes, todos efetivos. A direção é composta por um diretor geral e três adjuntos, cada um responsável por um dos turnos. A escola conta ainda com funcionários administrativos, inspetores e porteiros, os quais, segundo observações de alguns professores e da direção, são em número insuficiente.

As diferentes identidades se expressam neste espaço, sem que necessariamente entrem em conflito. Durante o período de observação foi possível perceber que são poucos os estudantes isolados no pátio, mantendo-se

²⁴Conforme censo escolar 2013. INEP, 2013

²⁵ Segundo dados da Gerência de Ensino Gestão e Integração – Secretaria Estadual de Educação. Documento impresso fornecido pela secretaria do Colégio Guarani.

organizados em pequenos grupos, sem haver, entretanto, muita interação entre os grupos. São grupos formados só por meninos, só por meninas ou mistos. Não presenciamos conflitos ou brigas, ao contrário, os jovens descreviam movimentos de aproximação e identificação com pares que compartilhavam mesmos interesses. Também eram frequentes atitudes de carinho entre namorados, muitas das vezes, beijos escondidos entre abraços.

Entretanto, foi possível perceber nas observações e conversas informais que o corpo docente tem dificuldade em reconhecer algumas dessas expressões de afetividade, as quais são, geralmente, interpretadas pelos professores como limites que dificultam o desenvolvimento das aprendizagens. Neste sentido, foi possível observar diferentes concepções de mundo presentes dentro deste ambiente escolar, e em especial as concepções dos estudantes que são jovens, filhos das classes populares e empobrecidas, moradores das favelas do entorno e bairros distantes do centro. Já os professores parecem socialmente distantes dos estudantes. Em geral, pertencem a classe média. Todos com formação universitária e grande parte são moradores dos bairros mais nobres da cidade. A maioria está na escola há mais de quinze anos e trabalha em regime de 40 horas semanais.

Dessa forma, podemos considerar o Colégio Guarani um espaço marcado pela pluralidade de culturas e por identidades múltiplas. A perspectiva multicultural – que interpreta a realidade e considera que as diferentes identidades culturais devem ter sua legitimidade reconhecida – é um caminho de análise promissor para compreendermos as relações interpessoais dos estudantes.

Dada a diversidade de culturas e identidades e a quantidade de estudantes matriculados em 2014, optamos em aplicar um questionário com o objetivo de recolher informações sobre as relações sociais entre os adolescentes na escola, filtrar essas informações e captar a percepção destes estudantes sobre a violência escolar, em específico o bullying. A ideia central do questionário foi construir um perfil social e comportamental dos estudantes, analisar esse perfil e com base nessas considerações elaborar o roteiro de entrevistas para os discentes e docentes.

Cabe lembrar que o questionário é um instrumento de pesquisa indicado para situações onde o espaço amostral é amplo. No caso da nossa pesquisa, trabalhamos com um quantitativo de 2.217 estudantes, mesmo subtraindo os

estudantes do 3º ano do ensino médio, que não foram inseridos na pesquisa, continuamos com um quantitativo de 1.786 estudantes e 133 professores. Diante desse número, decidimos trabalhar com um quantitativo de 147 estudantes, selecionados através de informações obtidas com a direção e com os professores: (1) turmas que apresentam maior repetitividade de casos de violência e (2) turmas classificadas como problemática pelos docentes. Os estudantes selecionados pertenciam a duas turmas indicadas pela direção e três turmas escolhidas aleatoriamente. É importante salientar que o objetivo central da utilização de questionários era filtrar informações para a composição do roteiro de entrevistas. Sendo assim, decidimos aceitar parte das informações cedidas pela direção e pelos professores, considerando-os informantes privilegiados dentro do campo.

Aplicamos o questionário para 147 estudantes. Essa amostra corresponde a quatro turmas, sendo 3 do 1º ano e 1 do 2º ano. Decidimos construir uma amostra com mais alunos do 1º ano por ser esse momento um período de transição entre o ensino fundamental e o ensino médio. Como o Colégio Guarani recebe estudantes somente a partir do 1º ano do ensino médio, é neste momento que eles estão se conhecendo e construindo o início de uma convivência que poderá durar anos.

O questionário foi elaborado a partir de três grandes temas: (1) a vida escolar, (2) as relações escolares e (3) a agressividade na escola²⁶. O primeiro tema resultou em um bloco de 4 perguntas objetivas com respostas pré-definidas. No segundo tema, 5 perguntas foram apresentadas, todas objetivas e igualmente com respostas pré-definidas, sugerindo, assim como no primeiro tema, a mensuração da intensidade da resposta. O terceiro tema é o mais importante para nossa análise, pois concentra as informações sobre os possíveis casos de bullying. Esse tema deu origem a 14 perguntas, sendo a metade objetiva e a outra parte discursiva (aberta)²⁷. Ao todo, o questionário possui 23 perguntas.

O processo de aplicação dos questionários durou duas semanas e foi realizado com ajuda dos professores que estavam nas turmas no momento da aplicação. Apenas em uma das turmas o professor havia faltado e a coordenação

²⁶ Uma cópia do questionário encontra-se disponível nos anexos.

²⁷ A análise de todo questionário, principalmente das perguntas abertas, foi feita através do Programa SPSS, um software indicado para interpretação de dados estatísticos de amostras amplas.

solicitou que o questionário fosse aplicado naquele momento para que os alunos não ficassem com o tempo ocioso. O comportamento dos estudantes durante a aplicação dos questionários foi bastante heterogêneo. Duas turmas responderam as questões em silêncio e indagaram o que seria feito com aquelas perguntas, mesmo sendo dadas as informações necessárias e estando escrito na primeira página que se tratava de uma pesquisa. Os estudantes também foram informados sobre o objetivo da pesquisa e todas as respostas garantiram o anonimato. Alguns estudantes escreveram longamente nas questões abertas, outros demoraram menos e deixaram várias questões em branco. Nas turmas do 2º ano, os estudantes fizeram um pouco de barulho e brincaram com algumas perguntas, principalmente àquelas relacionadas a colocar apelidos. Provavelmente essa diferença de comportamento reflete o tempo de convivência entre os estudantes, já que, por estarem juntos desde 1º ano, os estudantes do 2º ano teriam mais intimidade uns com os outros.

O comportamento dos professores foi em geral o mesmo: curiosidade. Queriam saber o que os alunos responderam, principalmente, em uma das questões que perguntava sobre o relacionamento professor/aluno. Os estudantes das primeiras turmas comentaram com os demais sobre o questionário, isso ficou nítido quando fui interrogada por alguns estudantes no pátio e no refeitório. Eles me perguntaram: “*Minha turma não vai responder sobre o bullying, não*”? É difícil saber se estavam apenas curiosos ou se havia um interesse verdadeiro em responder o questionário por parte desses estudantes que não entraram na amostra.

4.1

Quem são os estudantes do Colégio Guarani?

Para conhecermos os estudantes do Guarani e conseguirmos construir um perfil que represente ou se aproxime do todo, vamos começar com quatro variáveis (sexo, idade, turma e residência), analisadas a partir da frequência de respostas.

Sexo

Estudantes	Frequência	Porcentagem
Feminino	69	46,9%
Masculino	78	53,1%
Total	147	100,0%

Tabela 1

Idade (anos)

Estudantes	Frequência	Porcentagem
13	4	2,7%
14	26	17,7%
15	44	29,9%
16	42	28,6%
17	22	15,0%
18	6	4,1%
19	3	2,0%
Total	147	100%

Tabela 2

Ano de escolaridade

Estudantes	Frequência	Porcentagem
1º ano	70	46,7%
2º ano	77	52,4%
Total	147	100,0%

Tabela 3

Residência

Bairro	Frequência	Porcentagem
Gávea	2	1,4%
Irajá	2	1,4%
Itanhagá	9	6,1%
Olaria	2	1,4%
Pq Lage	2	1,4%
Rocinha	108	73,5%
Vidigal	22	15,0%
Total	147	100%

Tabela 4

A partir das tabelas representadas podemos constatar que no Colégio Guarani há 6% a mais de meninas. Essa diferença não é compatível com os dados do censo escolar da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro, que mostram que o quantitativo de meninas matriculadas no ensino médio é 5,4% a mais que o quantitativo de meninos. Todavia, se analisarmos os dados específicos do Colégio Guarani, essa diferença é mais tênue, sendo 2,2% a mais de meninas matriculadas no ano de 2013. Não foi possível explicar esta discrepância entre os números da rede, do Colégio e de nossa amostra. Talvez, o fato de ser um colégio que atrai estudantes de diferentes partes da cidade possa ser considerado. As meninas seriam menos incentivadas a “viajar” pela cidade atrás de uma escola melhor avaliada? Os meninos teriam mais liberdade para percorrer grandes distâncias dentro da cidade a fim de encontrar melhores escolas? Aqui, só são questões, visto que não é o foco de nossa pesquisa. Também, é importante ressaltar que nas semanas em que os questionários foram aplicados a escola reiniciava as aulas após um período de greve. Nesses dias alguns professores que continuaram suas atividades durante a greve não estavam comparecendo a escola. Os professores que auxiliaram na aplicação do questionário comentaram algumas vezes a ausência de alguns alunos. Soma-se a isso a evasão que, segundo relatos da direção escola, é muito mais recorrente entre os meninos, que abandonam a escola para trabalhar, transferem-se para o turno da noite e, na maioria das vezes, abandonam a escola. Outro fator que merece ser destacado é o que a escola

oferece. Pelas observações, podemos perceber que há muitas atividades esportivas reconhecidas socialmente como masculinas. No entanto, o colégio não oferece as mesmas opções para atividades socialmente reconhecidas como femininas. Não há, por exemplo, aulas de danças e a quadra, seja no futebol ou no vôlei, é sempre dominada pelos meninos. No tênis de mesa os meninos também são a maioria. Resta às meninas formar grupinhos e conversar ou compartilhar o fone de ouvido e passar o intervalo ouvindo músicas.

Em relação à idade, os dados mostram uma concentração de estudantes com 15 e 16 anos e um número considerável de estudantes com 14 e 17 anos. Nesse sentido, o Colégio Guarani corresponde às orientações do Ministério da Educação que considera 15, 16 e 17 anos como idades adequadas para cursar os três anos de ensino médio regular. O destaque é o número reduzido de estudantes mais velhos com 18 e 19 anos. Isso possivelmente significa que, segundo os dados do censo escolar 2013, os estudantes entre 18 e 19 anos estão na EJA (Educação de Jovens e Adultos), pois nessa idade a maioria dos jovens das classes populares já trabalha, sendo o estudo noturno mais procurado.

Um dos índices considerados pelo IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) é a distorção idade-série. No Brasil, toda criança deve ingressar na escola no 1º ano do ensino fundamental aos 6 anos de idade, encerrando esta etapa aos 14 anos. Após esse período, deveria permanecer por mais 3 anos no ensino médio, concluindo a educação básica aos 17 anos de idade. Quando o aluno (re) ingressa na escola tardiamente – ou sofre múltiplas reprovações – ele estará em atraso escolar, ou seja, com idade superior a esperada para aquela etapa. A distorção idade-série é a mensurada a partir da proporção de alunos com mais de 2 anos de atraso escolar. Nesse sentido, o Colégio Guarani poderia ser avaliado positivamente no que tange a um dos fatores que compõem o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

O Colégio Guarani atende mais turmas de 1º ano, isso é confirmado nos dados de nossa amostra. Segundo a direção da escola, a procura pelo 1º ano do ensino médio é muito maior. Ao sair das escolas municipais, no 9º ano do ensino fundamental, o estudante tem duas opções de ensino público, as escolas federais cujos processos de seleção são mais competitivos ou as escolas estaduais. O

Colégio Guarani é considerado, na Rede Estadual, uma instituição de excelência e muito bem localizado, próximo à PUC-RIO, shoppings, cinemas, teatros. A direção nos informou que oferecer mais que o dobro de vagas para as turmas de 1º ano foi uma escolha da gestão pedagógica em parceria com a secretaria estadual de educação, pois sendo uma escola específica de ensino médio a instituição é encarregada de suprir essa carência.

Segundo relatos da direção e dos professores, no turno da tarde a escola é mais conflituosa e apresenta maior quantitativo de casos de violência escolar. Possivelmente essa diferença entre os turnos se deve ao maior número de estudantes mais novos (1º ano), vindos de diversas escolas e regiões ainda não adaptados às normas de disciplina do Guarani.

Explorar o local de residência é uma variável importante para traçar o perfil social da amostra analisada. Como vemos na Tabela 4, quase 74% dos estudantes residem na favela da Rocinha e 15% na favela do Vidigal. Esses dados representam que os estudantes do Colégio Guarani são oriundos de comunidades pobres, dominadas pelo poder do tráfico e pela violência de grupos rivais (RAMOS e NOVO, 2003). Também podemos observar na Tabela 4 a presença de dois bairros do subúrbio carioca, Olaria e Irajá. Esses bairros são muito distantes da Gávea, mas provavelmente os quase 6% de estudantes que escolheram o Colégio Guarani foram movidos pela qualidade da escola.

Sendo o Colégio Guarani uma instituição que atende a estudantes pobres e em sua maioria moradores de favelas, podemos indagar se a violência social não faz parte do cotidiano desses jovens, ou seja, como esses jovens lidam com as cenas de violência que acompanham suas rotinas? Será que a vivência em um ambiente visto como mais violento socialmente se reproduz na escola? O que o contexto de ausência de direitos que caracteriza o local onde residem produz em relação à violência na escola? Em que medida a escola pode ser vista como um refúgio? Provavelmente nem todos esses questionamentos serão respondidos, mas consideramos fundamental ter em mente que os principais atores dessa pesquisa provavelmente convivem com diferentes tipos de violência e, na maioria das vezes, têm seus direitos civis negados, principalmente quando o assunto é a segurança pública.

Mediante essas quatro variáveis analisadas pela frequência das respostas podemos dizer que os estudantes do Colégio Guarani são adolescentes entre 15 e 16 anos, de origem pobre, moradores das favelas da Rocinha e do Vidigal, com leve predominância de meninos na amostra, ainda que contrariando os dados oficiais da escola.

4.2

A vida escolar

Para conhecer mais a relação dos estudantes com a escola foram elaboradas quatro questões sobre o cotidiano escolar. Na primeira questão, buscamos identificar se os estudantes **gostam de sua escola**. Essa informação é fundamental, pois a rejeição à escola é um dado significativo para identificação dos casos de bullying (LOPES NETO, 1995).

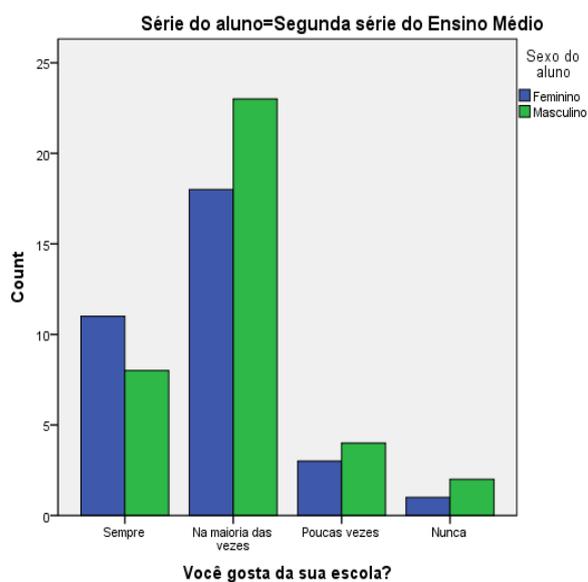
Para os estudantes do Colégio Guarani, a escola é um local agradável. Essa é a opinião de mais de 80% dos estudantes, como mostra a tabela abaixo. Mas, é importante compreender porque 18% dos estudantes gostam pouco ou nunca gostam da escola. Quando cruzamos as variáveis e consideramos o sexo dos alunos e suas séries, temos um cenário mais detalhado e constatamos que os meninos gostam mais da escola do que as meninas. Além disso, identificamos que o índice daqueles que nunca gostam da escola não passa de 3%, independente do sexo e da série dos estudantes. Entretanto, esse número aumenta para 12% entre aqueles que gostam da escola em poucos momentos. O Colégio Guarani possui projetos de torneios de futebol e vôlei. Pelo que observamos essas competições atraem mais os meninos, talvez esse seja um dos motivos para os meninos sinalizarem que gostam mais da escola²⁸.

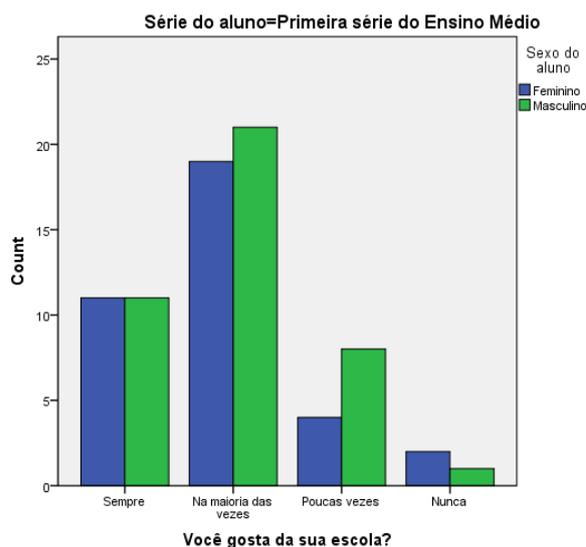
²⁸ Nas perguntas que apresentaram grandes discrepâncias nas respostas optei em demonstrar os dados em formato de gráficos, pois acredito que do ponto de vista visual os gráficos, nesses casos, permitem melhor interpretação.

Você gosta da sua escola?

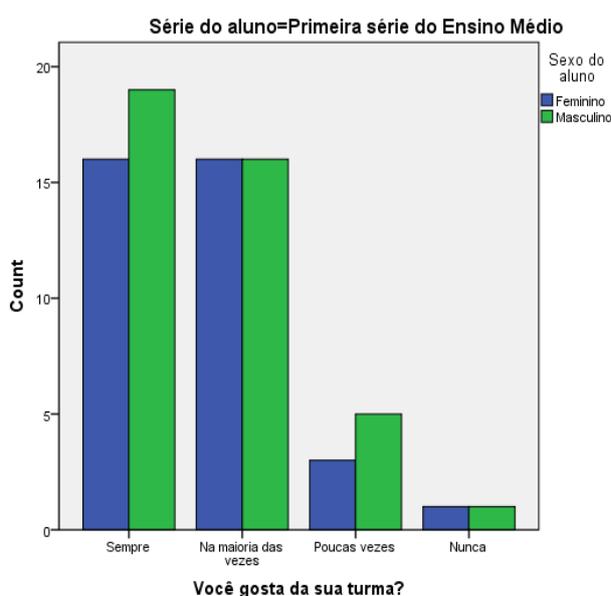
Série			Sexo		Total
			Fem	Mas	
1º ano	Você gosta da sua escola?	Sempre	11	11	22
		Na maioria das vezes	19	21	40
		Poucas vezes	4	8	12
		Nunca	2	1	3
		Total	36	41	77
2º ano	Você gosta da sua escola?	Sempre	11	8	19
		Na maioria das vezes	18	23	41
		Poucas vezes	3	4	7
		Nunca	1	2	3
		Total	33	37	70
Total	Você gosta da sua escola?	Sempre	22	19	41
		Na maioria das vezes	37	44	81
		Poucas vezes	7	12	19
		Nunca	3	3	6
		Total	69	78	147

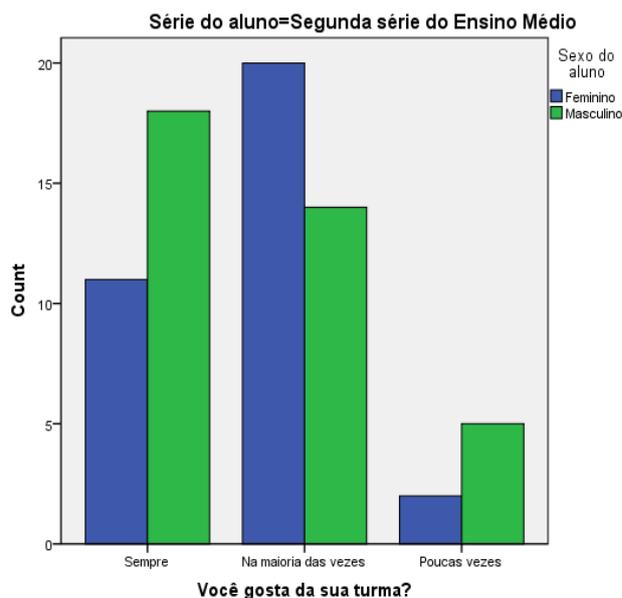
Tabela 5





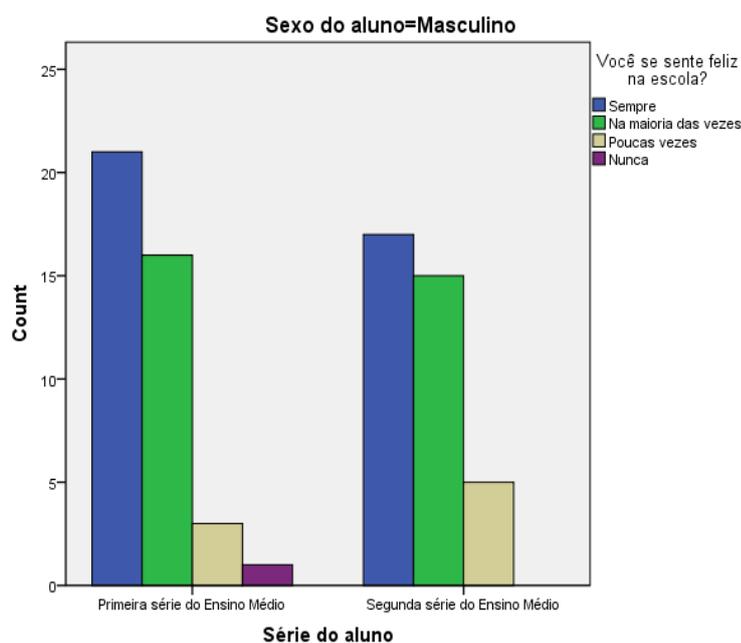
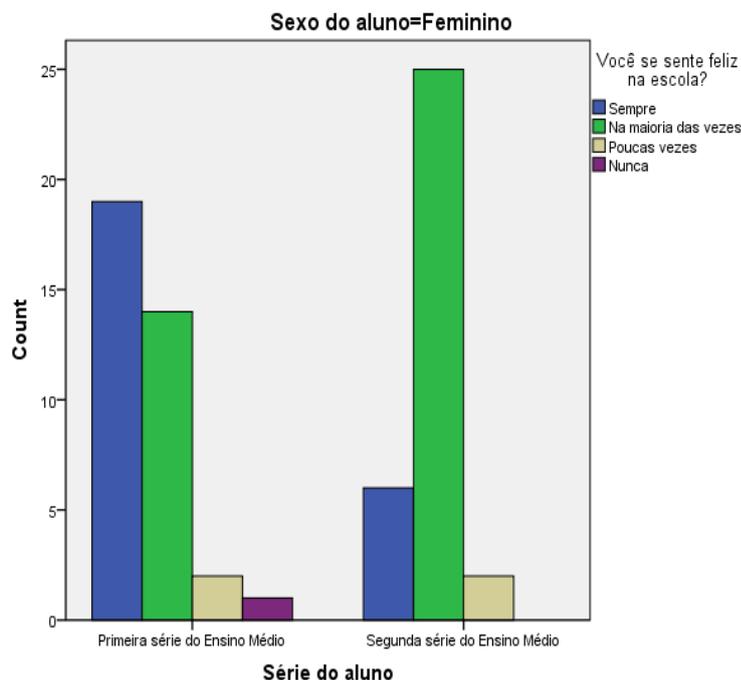
Na segunda questão buscamos mensurar se os estudantes **gostam de sua turma**. Esse dado também é fundamental, pois Fante (2003) e Constantini (2004) apontam que o local de maior frequência dos casos de bullying é a sala de aula. Dessa forma, consideramos importante conhecer a percepção que os estudantes têm de sua turma, acreditamos que essas respostas tragam informações sobre o relacionamento entre pares, os momentos de conflito e descontração, a questão da disciplina e da afetividade entre os estudantes num ambiente onde eles, na maioria das vezes, contam com a mediação de um adulto, e/ou professor.





Em sua maioria, os estudantes gostam bastante de suas turmas. Vale destacar que no 2º ano nenhum estudante respondeu que nunca gosta de sua turma. Provavelmente, o fato de já estarem no 2º ano estreite os laços de amizade e afetividade. Por esses dados seria difícil afirmar a existência de bullying nessas turmas. Isso se o bullying fosse um tipo de violência aberta e generalizada. Podemos também supor que os estudantes que não gostavam da escola ou foram vítimas de bullying podem ter saído da escola, e esses podem ser fatores que resultam na evasão escolar. Não temos como comprovar essa hipótese, mas não podemos desconsiderar que os estudantes que sofreram bullying busquem outras escolas ou, até mesmo, desistam da escola (OLWEUS, 1978).

Após conhecer a percepção dos estudantes sobre sua escola e sua turma, buscamos saber se os estudantes **se sentem felizes na escola**. Essa questão é crucial para nossa pesquisa, pois pode demonstrar o grau de satisfação com a escola e o significado que a escola tem na vida desses estudantes. Acreditamos que os estudantes podem gostar da escola e não necessariamente se sentirem felizes nela. O gostar pode significar algo mais corriqueiro e superficial, quando perguntamos se os estudantes se sentem felizes, esperamos respostas relacionadas a toda estrutura escolar e ao grau de satisfação pessoal que cada um possui. Nesse sentido, ambas são questões complementares que nos ajudam a compreender de modo específico a relação que os estudantes mantêm com a escola.



Percebemos que os estudantes do 2º ano são mais felizes na escola e nunca são infelizes. Se considerarmos as respostas *sempre sou feliz e na maioria das vezes sou feliz*, em geral, não há discrepâncias entre os sexos, e tanto meninos quanto meninas responderam que nunca são felizes, porém essas respostas não alcançaram nem 2%. Interpretando esses dados com os dados da questão anterior

encontramos uma contradição, ou seja, 18% responderam que *poucas vezes ou nunca* gostam da escola, já quando perguntamos sobre *se sentir feliz na escola*, apenas 6% responderam poucas vezes e 2% responderam nunca se sentirem felizes. Trata-se de uma diferença de 10%. O que faz esses 10% de estudantes não gostarem da escola, mas se sentirem felizes nela? O questionário apresentou limites em relação a essa contradição, não temos como encontrar respostas seguras para interpretar essa discrepância. É possível que os estudantes responsáveis por essas respostas não tenham entendido a questão ou tenham respondido rápido, sem refletir sobre a pergunta. Pode ser também que não tenham percebido a complementaridade entre as duas questões.

Analisando os dados até aqui podemos afirmar que em geral os estudantes gostam de sua escola, gostam de suas turmas e se sentem felizes na escola. Essa afirmação é quase unânime quando o assunto é o corpo docente.

Você gosta do seu professor?

Série			Sexo		Total
			Fem	Mas	
1º ano	Você gosta dos seus professores?	Sempre	16	20	36
		Na maioria das vezes	17	20	37
		Poucas vezes	3	1	4
		Total	36	41	77
2º ano	Você gosta dos seus professores?	Sempre	16	16	32
		Na maioria das vezes	15	21	36
		Poucas vezes	2	0	2
		Total	33	37	70
Total	Você gosta do seu professor?	Sempre	32	36	68
		Na maioria das vezes	32	41	73
		Poucas vezes	5	1	6
		Total	69	78	147

Tabela 6

Das quatro perguntas elaboradas, a única que a opção NUNCA não apareceu em nenhum momento foi em relação aos professores. Segundo os dados obtidos pelos questionários, os estudantes do Colégio Guarani gostam dos seus professores. Os meninos gostam mais, não só dos professores, mas da escola também. Em um espaço amostral de 147 estudantes, apenas 6 responderam que poucas vezes gostam dos seus professores. Esse dado foi confirmado durante as entrevistas. Todos os professores entrevistados elogiaram os estudantes e poucos casos de conflitos entre docentes e discentes foram relatados. As entrevistas serão analisadas, mais detalhadamente, no próximo capítulo.

4.3**As relações entre os estudantes na escola**

O objetivo desse bloco de questões foi captar a percepção dos sujeitos sobre as relações interpessoais dos estudantes. Buscamos identificar se essas relações são marcadas por algum tipo de violência física ou simbólica; se a

violência no seu sentido mais amplo faz parte do cotidiano dos estudantes, não só nas salas de aula, mas em todo espaço escolar. Também buscamos captar se há alguma relação entre colocar apelidos e situações de agressão. Os resultados desse segundo bloco desconstróem a “visão harmônica e feliz” que foi construída no primeiro bloco sobre a vida escolar dos estudantes.

Você já presenciou alguma situação de violência na escola?

Você já presenciou algum caso de violência na escola?	Frequência	Porcentagem
Sempre	23	15,6%
Na maioria das vezes	55	36,7%
Poucas vezes	55	37,4%
Nunca	14	9,5%
Total	147	100%

Tabela 7

A primeira constatação que podemos apontar é que 133 dos 147 estudantes já presenciaram pelo menos uma situação de violência na escola, isso equivale a 89,7% da amostra, sendo que para quase 16% a violência na escola é algo que faz parte do dia a dia, isto é, sempre ocorre. Para quase 37% a violência está presente na maioria das vezes na escola, enquanto apenas 9,5% dos estudantes afirmam nunca terem visto uma situação de violência na escola.

É importante registrar que não conceituamos violência previamente para esses estudantes. Estamos partindo do que eles entendem por violência. Mas, mesmo assim, fica nítido que essas respostas estão baseadas em algum tipo de agressão. É contraditório que os estudantes se sintam felizes em um espaço permeado por situações de violência, já que as duas principais características de locais violentos são medo e insegurança. Fica, então, a questão: como os estudantes podem gostar de sua escola, gostar de sua turma, se sentirem felizes na escola e ao mesmo tempo afirmarem que situações de violência ocorrem com frequência?

Acreditamos que há duas respostas possíveis para esse paradoxo. Primeiro, atribuímos essa contradição a um processo de naturalização da violência. Talvez, os estudantes não se choquem com as cenas de violência que presenciam. É como se fosse algo natural e fizesse parte do cotidiano. A naturalização não necessariamente é um fenômeno endógeno da escola, pode ocorrer mediante o excesso de violência visto, falado, ouvido e lido fora da escola. É como se a violência fosse inerente ao convívio social. Nesse sentido, a percepção sobre a violência perde a dimensão crítica e produz um cenário de conformismo, até que chega um momento em que a presença ou ausência da violência não faz mais diferença para a vida desses jovens, de modo que muitos conseguem gostar e sentirem felizes na escola, mesmo quando esse espaço é, segundo suas percepções, permeado de situações violentas.

Outra explicação presumível e complementar é a banalização da violência. Banalizar a violência é mais grave do que naturalizar, pois a banalização envolve a vulgarização, quando a violência ocupa o lugar de comum. A banalização da violência produz um cenário de aceitação da violência como inerente às relações sociais, tornam a violência não apenas como algo simples (naturalização), mas também mal interpretada, pois a violência se torna imperceptível.

Arendt (2000) escreveu que a violência emerge onde o poder perde suas forças. Em um contexto escolar, poderíamos entender que a violência se instaura de modo efetivo quando a autoridade enfraquece; esse seria o primeiro momento do processo. Em um segundo momento, o poder perderia totalmente sua capacidade de decisão e a violência assumiria esse lugar e passaria ser naturalizada, uma vez que toma o lugar e as funções do poder. A banalização aconteceria em um terceiro momento, quando os indivíduos perdem a capacidade de pensar e de julgar, e banalizam as conseqüências da violência. Essa banalização significaria entender a violência como algo comum, sem importância, imperceptível e incapaz de causar danos. Sabemos que Arendt (2000) não estava escrevendo sobre a realidade do contexto escolar, mas se levarmos suas investigações para a escola podemos supor que em momentos nos quais a autoridade não se faz presente a violência emerge e toma conta das relações interpessoais. Quando esses momentos são rotineiros, a violência pode ser naturalizada até chegar um ponto que os estudantes internalizam a violência como um caminho “normal”, comum, adequado para a resolução dos seus conflitos. É

nesse processo que corremos o risco de perder a capacidade de pensar e de julgar e podemos então banalizar a violência, como foi discutido no capítulo anterior.

Quando perguntamos se **algum colega já havia sido vítima de violência na escola**, as respostas foram ainda mais ponderadas. Mesmo assim, mais de 50% dos estudantes afirmaram terem colegas que sempre ou na maioria das vezes são vítimas da violência na escola. Para ter acesso a respostas mais precisas resolvemos cruzar as variáveis: sexo, série e situações de violência na escola.

Você já presenciou violência na escola?

Você já presenciou violência na escola?	Frequência	Porcentagem
Sempre	33	22,4%
Na maioria das vezes	43	29,3%
Poucas vezes	36	24,5%
Nunca	35	23,8%
Total	147	100%

Tabela 8

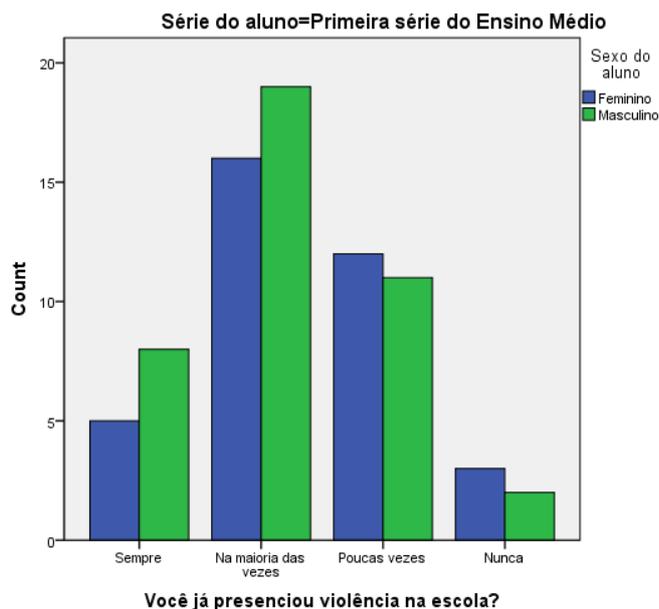
Você já presenciou violência na escola?

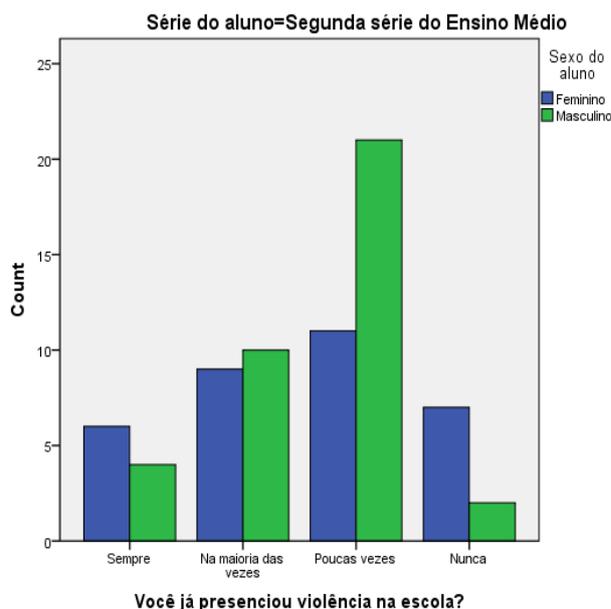
Série			Sexo		Total
			Fem	Mas	
1º ano	Você já presenciou violência na escola?	Sempre	5	8	13
		Na maioria das vezes	16	19	35
		Poucas vezes	12	11	23
		Nunca	3	2	5
		Total	36	40	76
2º ano	Você já presenciou violência na escola?	Sempre	6	4	10
		Na maioria das vezes	9	10	19
		Poucas vezes	11	21	32
		Nunca	7	2	9
		Total	33	37	70
Total	Você já presenciou violência na escola?	Sempre	11	12	23
		Na maioria das vezes	25	29	54
		Poucas vezes	23	32	55
		Nunca	10	4	14

Você já presenciou violência na escola?

Série			Sexo		Total
			Fem	Mas	
1º ano	Você já presenciou violência na escola?	Sempre	5	8	13
		Na maioria das vezes	16	19	35
		Poucas vezes	12	11	23
		Nunca	3	2	5
		Total	36	40	76
2º ano	Você já presenciou violência na escola?	Sempre	6	4	10
		Na maioria das vezes	9	10	19
		Poucas vezes	11	21	32
		Nunca	7	2	9
		Total	33	37	70
Total	Você já presenciou violência na escola?	Sempre	11	12	23
		Na maioria das vezes	25	29	54
		Poucas vezes	23	32	55
		Nunca	10	4	14
		Total	69	77	146

Tabela 9





É importante destacar que os estudantes do 1º ano afirmam ter presenciado situações de violência na maioria das vezes. Já entre os estudantes do 2º ano o índice cai bastante. Consideramos que essa discrepância pode indicar 4 cenários possíveis:

1. Os estudantes do 1º ano estão mais envolvidos em situações de violência, pelo fato de estarem entrando em uma escola de grande porte com pessoas de culturas e identidades distintas, e toda essa novidade pode causar estranhamento e contribuir para o aumento dos conflitos interpessoais.
2. Os estudantes do 2º ano já são mais íntimos, formaram seus grupos de relacionamento e por isso presenciam menos cenas de violência.
3. Os estudantes do 2º ano por estarem mais tempo na escola já naturalizaram/banalizaram as situações de violência que possivelmente presenciaram. O fato dos estudantes do 1º ano, que chegaram há pouco tempo na escola, responderem que sempre ou na maioria das vezes presenciam situações de violência corrobora com a naturalização/banalização, pois provavelmente esses estudantes ainda não vivenciaram o cotidiano escolar o suficiente ao ponto de não se incomodarem com a violência.
4. Os estudantes que presenciam cenas de violência na escola podem ter pedido transferência para outra escola quando passaram para o 2º ano,

ou podem ter abandonado a escola. Os motivos para essas atitudes podem envolver a violência e, em específico, o bullying, ou podem ter decisões provenientes de outros motivos. O fato é que não podemos desconsiderar que a evasão pode ter contribuído para essa discrepância entre os anos de escolaridade.

Quando perguntamos se algum colega já tinha sido vítima de violência na escola, as respostas foram um pouco mais ponderadas. Entre os meninos há maior índice de colegas vítimas de violência. No total, 76 estudantes responderam ter um colega que foi vítima de violência, isso totaliza mais de 50% dos estudantes. Se fossemos fazer uma inferência a partir do quantitativo de alunos que responderam o questionário, poderíamos afirmar que no Colégio Guarani, mais de 50% dos estudantes do 1º e 2º ano do ensino médio tem colegas que já sofreram algum tipo de violência na escola. Podemos dizer ainda que 25% dos estudantes responderam que nunca conheceram alguém que sofreu violência na escola, isso significa que os outros 75% em algum momento interagiram com alguma vítima da violência.

Se 75% dos estudantes já interagiram com um colega vítima de violência, quantos estudantes já foram violentados? Será que a direção foi procurada por esses estudantes? Será que essa vivência com a violência escolar está relacionada ao alto índice de evasão? E essas cenas de violência foram veladas? Ou foram explícitas? Esses questionamentos serão levados para entrevista, mas não sabemos se poderemos responder tudo. De qualquer forma, é importante questionar como esses estudantes convivem com a violência cotidianamente e de que maneira essa realidade influencia no processo de formação desses jovens.

Fante (2010) e Rosa (2010) enfatizam a questão dos apelidos pejorativos como motivadores de muitos conflitos na escola, principalmente aqueles marcados pela agressão indireta que ocorre nas salas de aula. Segundo Rossato (2013), os apelidos constituem problemas graves de discriminação entre os estudantes do 2º segmento do ensino fundamental. Por conta desses relatos de pesquisas resolvemos inserir duas perguntas buscando estabelecer uma relação entre a violência e os apelidos. Perguntamos aos estudantes se eles gostavam de ser chamados por apelidos e se colocavam apelidos uns nos outros. O resultado das respostas não demonstrou nenhuma relação com a violência. Interpretamos

que, no Colégio Guarani, os apelidos não se transformam em casos de discriminação, e que mesmo sendo utilizados para “zombar”, os estudantes conseguem lidar com essa situação.

Uma última questão fechou nosso bloco sobre as relações entre os estudantes na escola e as lideranças de grupos. Acreditávamos que a violência poderia estar relacionada a grupos, e que os líderes desses grupos poderiam ser autores de práticas de bullying. Para investigarmos essa possível relação, perguntamos aos alunos se eles se consideravam uma liderança em suas turmas. Também não encontramos nenhuma relação, já que 38% responderam que na maioria das vezes se consideram líderes, mas 31,3% responderam que nunca se consideram líderes. Essa é uma lacuna que tivemos que levar para as entrevistas, pois o questionário apresentou limites. Não podemos afirmar que os 38% que se consideram líderes praticam bullying ou estão envolvidos em algum tipo de violência, da mesma forma é difícil acreditar que 31,3% dos estudantes que não se consideram líderes nunca tenham se envolvido em casos de violência, principalmente quando lembramos que para 86% dos estudantes a violência é algo recorrente na escola.

Em seu programa de intervenção nos casos de bullying, Olweus (2007) descobriu que entre os estudantes de 13 a 17 anos o bullying está relacionado às lideranças individuais e grupais. Todavia, no caso do Colégio Guarani não podemos confirmar as investigações de Olweus (2007), mas podemos ressaltar as diversas atividades culturais e esportivas que atraem os estudantes para essa questão de liderança. Talvez isso nos ajude a entender o porquê de 38% se considerarem líderes, mas por enquanto é precipitado relacionar esse dado com a violência.

4.4

As agressões na escola

Esse foi nosso último e mais importante bloco de questões. As questões desse bloco buscaram compreender a percepção que os estudantes têm sobre as situações de agressão física e psicológica e se eles classificam algumas dessas situações como práticas de bullying. As perguntas enfatizam a frequência dessas agressões, os locais mais comuns em que elas ocorrem, os tipos de agressões e a

reação dos estudantes diante das agressões. Para nós, esse bloco de questões foi revelador e contribuiu muito para a organização do roteiro de entrevistas aos discentes e docentes.

A primeira questão foi bastante direta. Perguntamos se durante o ano em curso o estudante foi vítima de alguma agressão por parte de seus colegas²⁹. Em caso positivo, construímos uma tipologia de 14 formas de agressão para serem assinaladas, conforme a ocorrência. Abaixo apresentamos a tabela com a frequência das respostas e dos tipos de agressão que mais se repetem.

Você já se sentiu vítima de alguma agressão na escola?

Você já se sentiu vítima de alguma agressão na escola?	Frequência	Porcentagem
Não	115	78,2%
Sim	31	21,1%
Total	146	99,3%
Ausência	1	7%
Total	147	100%

Tabela 10

²⁹ Não podemos afirmar que todos esses casos de agressão que foram afirmados pelos estudantes nos questionários tenham se desenvolvido e se transformado em bullying. Por isso, decidimos perguntar a frequência que as agressões assinaladas ocorreram, pois sabemos que um dos principais indicativos de bullying é a repetitividade.

Tipos de agressão sofrida

Tipos de agressão sofrida	Frequência	Porcentagem
Xingamentos	22	15,0%
Gozações/humilhações	6	4,1%
Levantar mentiras	2	1,4%
Total	30	20,4%
Ausência	117	79,6%
Total	147	100%

Tabela 11

É interessante comparar as respostas sobre ter um colega vítima de agressão (75%, entre aqueles que responderam sempre, na maioria das vezes e poucas vezes) com as respostas sobre ter sido a própria vítima da agressão (apenas 21,1%). Esse é mais um paradoxo constatado na percepção dos jovens pesquisados. Se 75% dos estudantes responderam que em algum momento um de seus colegas foi vítima de agressão na escola, como que 78,2% afirmam nunca ter sofrido nenhum tipo de agressão? Então, quem comete essas agressões, de onde elas surgem? Como já afirmamos, o bullying é velado, mas é velado apenas diante das autoridades, porque quando a pergunta era sobre os colegas que foram vítimas as respostas apresentam índices elevados, mas quando perguntamos diretamente, sobre a própria vida do estudante, os índices caíram, significativamente. Isso nos permite considerar que possivelmente os estudantes têm medo de admitir que sofram ou sofreram agressões na escola. Segundo Fante (2003) e Constantini (2004), esse medo costuma ser ainda mais intenso quando classificamos essa agressão como bullying. Mas por que têm medo? Será que temem algum tipo de retaliação? O medo pode ser também motivado por um sentimento de vergonha (OIWEUS, 1978)? Esconder, fingir que nada está acontecendo e aguentar calado é uma maneira de conviver com essas possíveis agressões? Ou será que entre esses 78,2% que afirmaram nunca terem sido agredidos, existem agressores, testemunhas e até mesmo vítimas que preferem esconder? Será que os estudantes

não confiam na escola como uma instituição capacitada para ajudá-los a enfrentar seus próprios conflitos (ANDRADE e CÂMARA, 2012)?

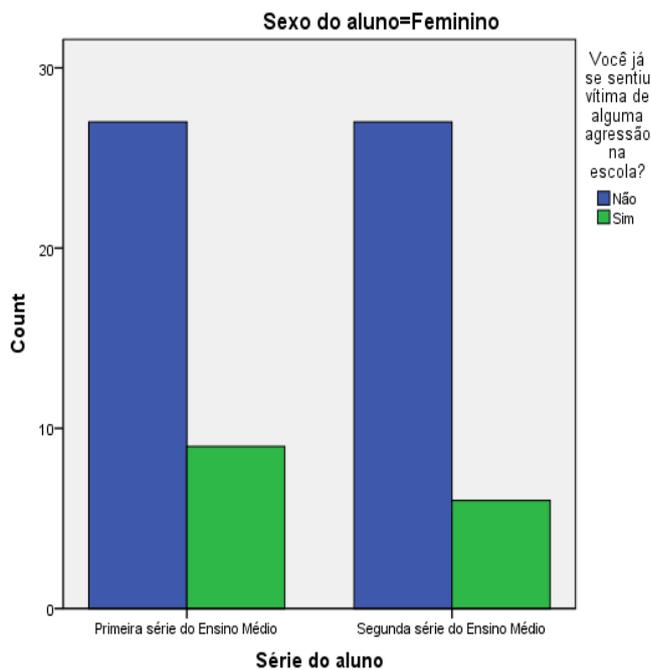
Analisando as respostas positivas, 21,1% afirmaram terem sido vítima de agressões na escola, isso equivale a 31 estudantes de um universo de 146, pois 1 estudante não respondeu essa questão. O CNJ e a ABRAPIA consideram esse índice elevado, pois estamos diante de um cenário onde 1 em cada 5 estudantes do Colégio Guarani já sofreu agressão na escola. Resta-nos saber se essas agressões se configuram como bullying³⁰. O questionário nos aponta os tipos de agressões mais frequentes, sendo 19,1% concentrada em xingamentos, gozações e humilhações, o que nos indica prováveis casos de “bullying indireto” (CUBAS, 2006; GUIMARÃES, 2010).

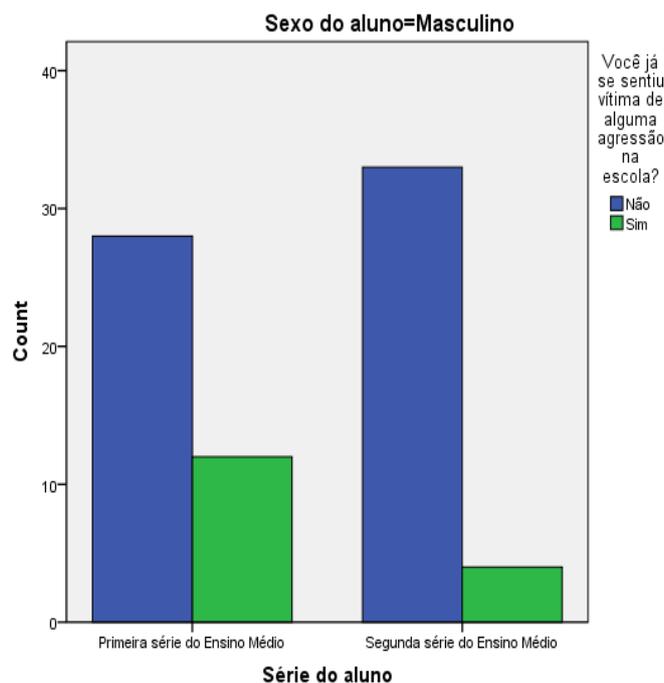
Segundo Cubas (2006), o bullying indireto é mais difícil de ser percebido, pois não resulta em agressões físicas e por isso não chama atenção da comunidade escolar. Provavelmente, entre esses 21,1% de estudantes que sofreram agressões na escola estão aqueles 16% que responderam nunca gostar da escola. O que nos chama atenção é novamente o fato dos estudantes não procurarem a direção da escola para denunciar esses casos de agressão. A direção, por sua vez, relatou durante a fase de observações que os estudantes não apresentam problemas com o bullying e que na escola não há casos de discriminação e preconceito. Ficam, então, dois questionamentos: quem são esses 21%? Por que eles escondem da escola as agressões que sofreram/sofrem?

Analisando separadamente as respostas, temos o gráfico acima que nos mostra que entre as meninas do 1º ano a incidência de vítimas de agressão é maior em relação às meninas do 2º ano. O mesmo se repete entre os meninos, sendo que nesse caso a discrepância quantitativa é ainda mais acentuada como mostra o gráfico apresentado a seguir. Talvez, o tempo de permanência na escola seja uma explicação para essa discrepância. Os estudantes do 1º ano além de mais novos e numerosos, não se conheciam anteriormente, não tiveram ainda tempo para construir e fortalecer os laços de afetividade e, talvez, por isso sejam mais

³⁰ Mais uma vez é importante ressaltar que o questionário não é o instrumento mais adequado para descobrir quais casos de agressão de fato podem ser considerados bullying. Para que o questionário nos fornecesse essa resposta com confiança ele deveria vir conceituando o bullying. Por isso, o questionário foi aplicado como um filtro e um teste descobridor de questões para serem aprofundadas nos roteiros de entrevistas.

propensos a se envolverem em conflitos. Em contrapartida, os estudantes do 2º ano, além de mais velhos, já se conhecem a mais tempo, conhecem as regras da escola, sabem dos instrumentos de advertência e punição e, talvez, por isso sejam menos propensos a se envolverem em conflitos. Além disso, o alto índice de evasão confirmado pelos dados obtidos no Censo Escolar e nas observações sobre a composição do Guarani deve ser considerado, pois estamos trabalhando com a hipótese que, entre os estudantes do 2º ano, o número de abandono escolar possa ter sido aumentado por aqueles que tenham sido vítimas de bullying.



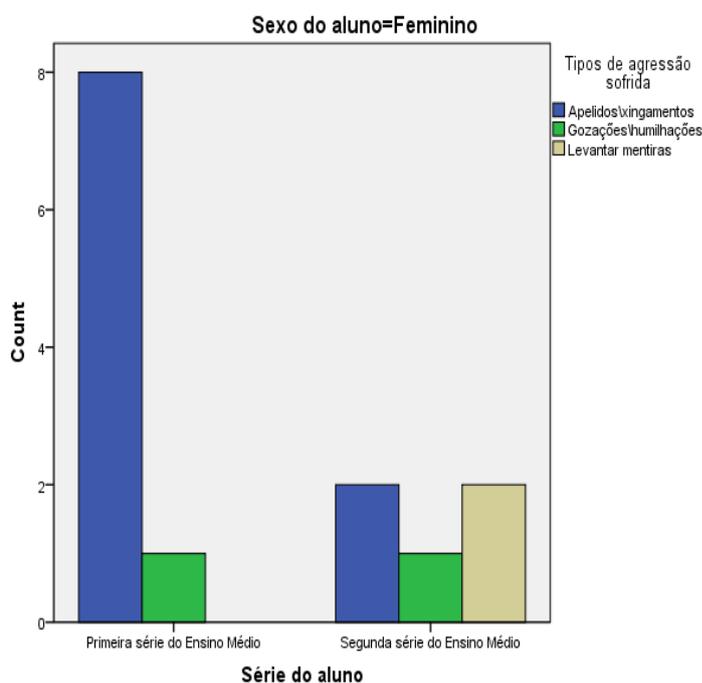


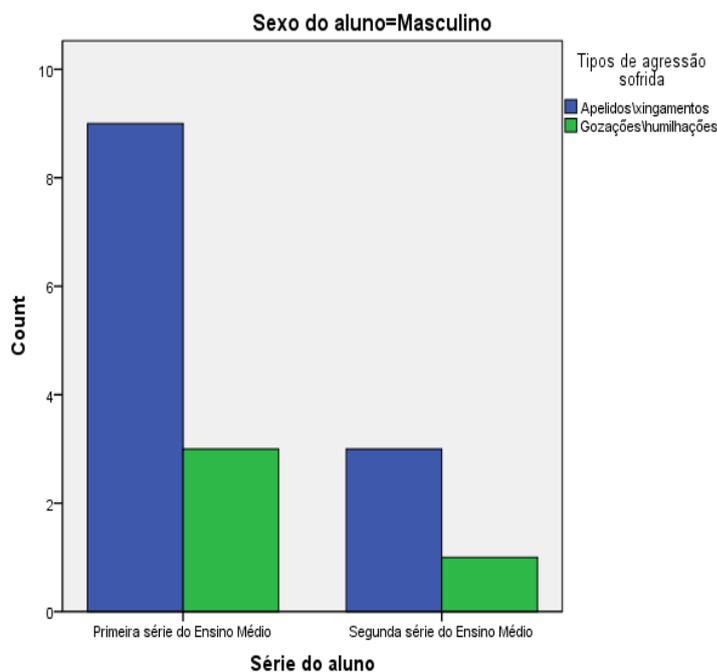
Em relação ao tipo de agressão sofrida, percebemos que entre as meninas do 1º ano os xingamentos são muito frequentes, mas entre as estudantes do 2º ano as calúnias e mentiras foram ressaltadas como mostra o próximo gráfico. Entre as meninas do 2º ano, o índice de agressões é bem menor e em nenhuma das séries foram levantados casos de agressões físicas entre as meninas. É interessante ressaltar que as mentiras provavelmente aparecem apenas no 2º ano pelo fato das meninas estarem a mais tempo juntas e compartilharem mais momentos de intimidade, sabendo, assim, distinguir a verdade da mentira e utilizando de falsas histórias para agredir. Interessante notar que o maior tempo de convivência escolar que pode diminuir as agressões físicas (bullying direto), mas pode também aumentar a violência psicológica (bullying indireto), envolvendo difamações entre as meninas.

Quando relacionamos a temática do bullying às discussões de gênero, vemos que vários autores têm apontado diferenças entre meninas e meninas (Bandeira, 2009; Bouton e Underwood, 1992; Gini e Pozzoli, 2006; Lisboa, 2005). De acordo com Bandeira (2009), frequentemente os meninos agredem tanto meninos quanto meninas, enquanto as meninas são agredidas principalmente por outras meninas. A agressão física e a ameaça verbal são as mais utilizadas pelos meninos, enquanto as meninas utilizam formas mais indiretas do bullying, como

fofocas e exclusão do grupo social. As meninas geralmente expressam atitudes mais positivas em relação às vítimas, são mais empáticas e dão mais suporte do que os meninos (GINI e POZZOLI, 2006). Entre os meninos é mais comum a ocorrência de agressividade e vitimização. Os próprios meninos são classificados pelos seus colegas como agressores e como vítimas/agressores com uma frequência maior que as meninas (LISBOA, 2005).

Bandeira (2009) ressalta também que o bullying apresenta diferentes implicações na autoestima de meninas e meninos envolvidos nos diferentes papéis. Meninas que são vítimas apresentam uma autoestima mais baixa do que meninos na mesma situação. Entre as meninas, baixos níveis de autoestima estão relacionados com o papel de vítima, o que não ocorre entre os meninos. O grupo de agressoras apresenta média mais alta de autoestima que o grupo de vítimas. Em relação aos meninos, baixos níveis de autoestima estão relacionados ao papel de vítima.





Já entre os meninos a questão das mentiras como um tipo de agressão simplesmente não apareceu. Esperávamos que entre os meninos as agressões físicas fossem assinaladas, pois as pesquisas feitas pela ABRAPIA (2010) e pelo IBGE (2009) apontam que a agressão física é mais recorrente entre eles. No caso do Colégio Guarani, há mais vítimas de agressão entre os meninos do 1º ano, o que se confirma também com as meninas. Esses dados nos levam a considerar que nas turmas do 1º ano a violência é mais recorrente, os relatos da direção da escola e de alguns professores confirmam essa interpretação, ou seja, o 1º ano é um tempo de adaptação ao colégio e aos colegas, com mais incidências de conflitos.

Na terceira questão buscamos saber onde essas agressões mais se repetem. Dos estudantes, 66,7% responderam a sala de aula e 33,3% apontaram os corredores. Nossos dados confirmam pesquisas feitas pelo IBGE (2009) e pelo IPEA (2012). O bullying é um tipo de violência escolar que necessita de público, de espetacularização e a sala de aula parece ser o lugar mais adequado para ele, pois os demais estudantes funcionam como testemunhas acuadas que compreendem a liderança do autor do bullying e ao mesmo tempo contribuem para o sentimento de auto-afirmação desse agressor ou grupo de agressores. Já os corredores funcionam como uma extensão das ameaças e perseguições sendo o local mais escolhido para o momento em que o bullying não pode ser feito em público por ser mais grave e intenso. No Colégio Guarani, os corredores são

pouco vigiados, devido à quantidade reduzida de inspetores, carência ressaltada pela maioria dos docentes. Isso provavelmente facilita que os casos de bullying aconteçam também nesse espaço. Os banheiros, refeitório, quadra e demais locais não foram citados pelos estudantes. O que nos leva a pensar que provavelmente as agressões que ocorrem nesses espaços são pontuais, resultados de desentendimentos momentâneos.

Na quarta questão, perguntamos aos estudantes se diante da agressão ele chegou a reagir e se sim como foi sua reação. As respostas foram surpreendentes, 88% disseram que não reagem às agressões que sofrem na escola e apenas 12% afirmaram reagir. Entre as atitudes de reação, os estudantes responderam que procuram o professor/direção (4%), revidam a agressão (6%) e contam para os pais (2%). Esses dados nos indicam a dificuldade que os estudantes encontram em lidar com os conflitos interpessoais na escola. Mais de 80% simplesmente não reagem, o que significa que podem continuar sendo agredidos e mesmo assim continuarão calados. Por que não reagem procurando as autoridades da escola? Provavelmente, porque não acreditam nessas autoridades ou por medo de se expor e sofrer retaliação (ANDRADE e CÂMARA, 2012).

Aceitar a agressão sem fazer nada significa sofrer cotidianamente na escola. Ser xingado, caluniado, zombado e mesmo assim não reagir. Podemos pensar que a naturalização da violência pode contribuir para essa atitude de aceitação da agressão. Se o estudante entende que a violência na escola é normal/natural, que faz parte do cotidiano escolar, assim como uniforme, os sinais e o recreio, realmente fica difícil esperar algum tipo de reação. A naturalização da violência é um dos principais entraves à escola no enfrentamento do bullying, pois muitos estudantes sofrem bullying, sabem que não deveriam passar por isso, mas acreditam que é um ritual da escola, que é assim com todo mundo.

Você costuma reagir?

Sexo			Você costuma reagir?		Total
			Não	Sim	
Fem.	Série	1º ano	6	0	6
		2º ano	5	1	6
		Total	11	1	12
Masc.	Série	1º ano	9	0	9
		2º ano	2	2	4
		Total	11	2	13
Total	Série	1º ano	15	0	15
		2º ano	7	3	10
		Total	22	3	25

Tabela 12

Nossa quinta questão também levantou surpresas. Perguntamos aos estudantes se eles já tinham testemunhado uma agressão na escola, e sim qual foi a reação que tiveram. Do total, 62,5% responderam que sim, isso equivale a 35 estudantes, sendo que apenas 56 responderam essa questão, como mostra a tabela a seguir. Quanto às reações as respostas foram: fiquei olhando (22%), comecei a rir (8%), chamei alguém (3%), incentivei (2%). Isso denota que mesmo quando a agressão é ao outro, a omissão se repete. Atitudes de deboche e estímulo à agressão também foram levantadas, confirmando os relatos da direção, bem como o papel das testemunhas como garantia da espetacularização da violência. Apenas 3% buscariam ajuda. Mais uma vez o dado se repete enfatizando que, conforme nos apontam Andrade e Câmara (2012), os estudantes parecem não confiar ou não acreditar na escola como uma instituição capaz de solucionar seus conflitos.

Ficar olhando, rir, debochar e incentivar. Essas são as reações que banalizam a violência que foi empregada, tornam o mal praticado contra a vítima como algo comum, sem importância e sem gravidade. É como se aquela cena fosse tão natural que o estudante pudesse ficar olhando, zombando, rindo, sem de fato refletir sobre o que está acontecendo.

Há algumas hipóteses que podemos levantar sobre essas atitudes:

1. Ser omissivo, rindo, debochando ou apenas olhando impede que o estudante se torne uma próxima vítima, afinal de contas ele foi conivente com a violência e em alguns casos até incentivou. Essa atitude pode ser interpretada como um mecanismo de defesa.
2. Não se meter, seguindo a lógica individualista do “isso não é problema meu”, que impera nas relações intersubjetivas contemporâneas. Nesse caso, os adolescentes reproduzem ensinamentos que recebem fora da escola em seus convívios sociais. Muitas vezes, aprendizados que reforçam ditos populares do senso comum, como por exemplo: “toma conta da sua vida”, “cuida do que é seu”, “não se meta na vida alheia”. Esses ensinamentos reforçam o individualismo e contribuem para atitudes de ignorar/desprezar o sofrimento do outro, mesmo quando e se esse sofrimento for oriundo de uma injustiça.
3. Se exibir, mostrando que está do lado do agressor, buscando poder/popularidade. Todas essas hipóteses foram confirmadas pelos estudantes nas perguntas abertas que são analisadas nas próximas páginas.

Nossa sexta questão é fundamental para a compreensão do bullying. Perguntamos aos estudantes se já tinham cometido alguma agressão contra seus colegas. Mais uma vez o fato de um estudante responder que sim não significa que essa agressão tenha se transformado em bullying. O que essa questão nos ajuda a compreender é o índice de autoria das agressões. Esse dado é importante para identificar se os adolescentes conseguem resolver seus conflitos através do diálogo ou se a violência é o caminho escolhido. A tabela abaixo nos mostra que 81,2% dos estudantes responderam que não e 18,2% admitiram terem praticado

algum tipo de agressão contra seus colegas. Se compararmos os resultados dos estudantes que testemunharam uma agressão (62,5%) com os estudantes que cometeram uma agressão (18,2%), novamente temos uma contradição. A diferença é de 44,3%. E aí fica a questão: quem são os responsáveis por mais de 40% dos casos de agressão testemunhados pelos próprios estudantes?

Você já foi autor de alguma agressão na escola?

Sexo			Você já foi autor de alguma agressão na escola?		Total
			Não	Sim	
Fem.	Série	1º ano	2	0	2
		2º ano	13	1	14
	Total		15	1	16
Masc.	Série	1º ano	2	0	2
		2º ano	10	5	15
	Total		12	5	17
Total	Série	1º ano	4	0	4
		2º ano	23	6	29
	Total		27	6	33

Tabela 13

Sabemos que o bullying é velado, tanto para quem sofre como para quem pratica. Mesmo estando assegurados pelo anonimato, seria bastante difícil – e não seria o objetivo desta pesquisa – conseguir uma confissão absoluta dos estudantes que já praticaram alguma agressão. Mas, a fim de conseguir mais informações, fizemos mais uma pergunta relacionada à autoria das agressões. Perguntamos com que frequência essas agressões acontecem. Esse é um dado importante, pois sabemos que um dos aspectos que diferencia o bullying de outros tipos de violência escolar é a repetitividade da situação de agressão.

Dos 33 estudantes que responderam à questão anterior, 11 estudantes assinalaram que praticam essas agressões todos os dias, 06 responderam que agredem seus colegas pelo menos uma vez por semana, 10 estudantes reconheceram que pelo menos uma vez ao mês agredem seus colegas e 06

estudantes disseram que agrediram um colega somente uma vez. Se levarmos em consideração nossa amostra de 147 estudantes, podemos afirmar que 17 estudantes podem ser considerados autores de práticas de bullying, uma vez que agressões praticadas todos os dias ou uma vez por semana, são consideradas repetitivas. O que nos impede de fazer essa afirmação categoricamente é que não sabemos se essas agressões são sempre contra a mesma vítima e se há assimetria de poder.

Porém, do ponto de vista quantitativo, 17 estudantes equivale a aproximadamente 12% da amostra, o que poderia significar que em torno de 10% dos alunos do Colégio Guarani são possíveis autores de bullying, se verificadas as demais características do bullying. Se levarmos em consideração somente aqueles que admitiram praticar agressões temos 33 estudantes. Nesse caso, aproximadamente 52% dos estudantes são potenciais autores de bullying, ou seja, mais da metade.

4.5

Sobre os sentimentos daqueles que se envolvem em agressões

Nosso quarto e último bloco de questões foi concentrado nos sentimentos que todos os estudantes experimentam quando estão envolvidos no bullying como uma violência escolar. A primeira pergunta desse bloco foi aberta. Perguntamos o que motiva os estudantes a agredir seus colegas. As respostas foram variadas e para melhor compreendê-las construímos três classificações e selecionamos algumas que contemplam o sentido das outras que não foram citadas.

a) Respostas relacionadas ao poder:

“Uma forma de mostrar superioridade sobre os demais”.

“O fato de eles acharem que são superiores a determinada pessoa e fazer questão de humilhá-la”.

“Eles querem se sentir melhor do que os outros”.

“Basicamente, insegurança com relação a si próprios, o que os leva a querer inferiorizar outros para se sentirem melhor”.

“O sentimento de querer ser melhor”.

“A busca de alguma liderança, status na escola”.

b) Respostas relacionadas à exibição individual

“fazer os outros rir”

“Se divertir”

“Atenção recebida pela ação”

“Aparecer”

c) Respostas relacionadas à intenção de causar sofrimento

“Achar graça no sofrimento dos outros”

“Falta de amor próprio, falta de respeito e consciência que está machucando outra pessoa”.

“Pode ser a intenção de fazer o outro sofrer, talvez por conta do que aconteça em casa”.

“Tornar o alvo motivo de piada, gastação entre a galera”.

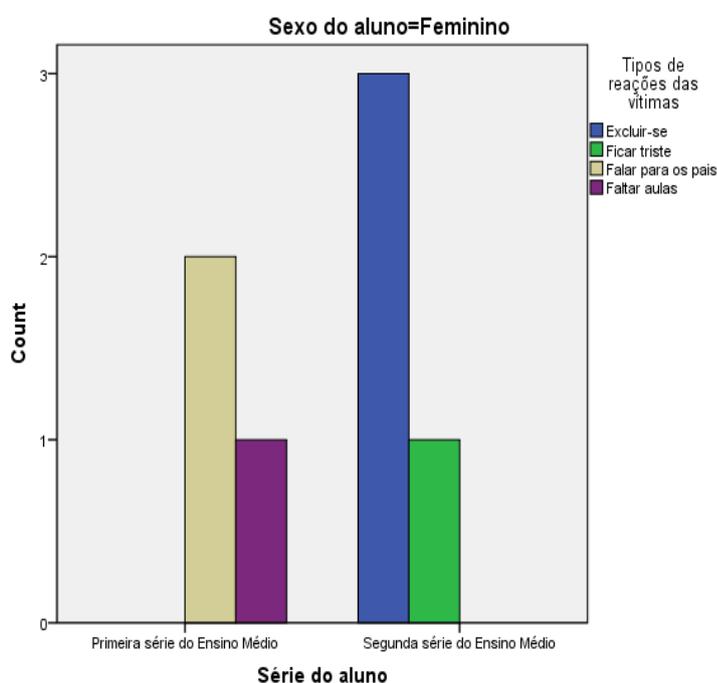
“Não terem respeito pelas outras pessoas, não terem valores”.

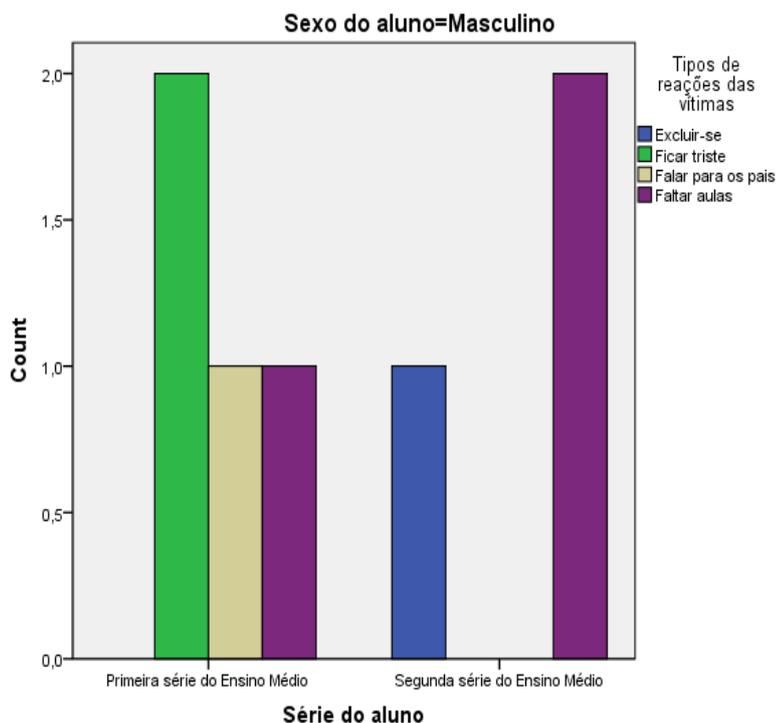
Não temos como saber quais dessas respostas são autobiográficas. Porém, compreendemos que os estudantes atribuem os motivos das agressões a questões que racionalmente seriam difíceis de justificar. Não encontramos nenhuma resposta que mencionasse sentimentos de vingança, rivalidades entre grupos, revanches por qualquer que seja o motivo. Interpretando as respostas podemos considerar que as agressões ocorrem por disputas de poder/liderança, para chamar a atenção ou com a intenção de fazer o outro sofrer. Parece-nos insuficiente considerar que um estudante passe dias perseguindo, humilhando e agredindo o seu colega para conseguir prestígio ou chamar a atenção dos demais. Agora, quando analisamos o desejo de fazer mal ao outro caracterizado pela intencionalidade premeditada da atitude, nesse caso acreditamos que uma saída para entender esse sentimento esteja na dificuldade de reconhecer o outro e na questão da banalização da maldade e da naturalização da violência.

Na tentativa de compreender melhor os sentimentos que estão por trás das agressões, perguntamos qual a reação das vítimas dessas agressões e das

testemunhas, quando presenciam cenas de agressão. As respostas foram esclarecedoras.

Entre as meninas, as vítimas das agressões buscam se excluir ou se isolam na tristeza, esse é o cenário do 2º ano. Já no 1º ano percebemos uma maior confiança nos pais e uma necessidade de não frequentar mais a escola. Esses dados nos indicam que para as meninas as agressões causam dor e certa incapacidade de reação. Entre os meninos, o cenário é um pouco diferente. Os estudantes do 1º ano reagem com tristeza, mas não chegam a faltar aulas. Também demonstram certo grau de confiança nos pais. Já no 2º ano os estudantes se isolam e se ausentam da escola buscando fugir daquelas agressões. Novamente, nenhum dos estudantes, nem entre os meninos e nem entre as meninas, respondeu que reage procurando a direção, quando são vítimas de uma agressão. Essa dificuldade em buscar ajuda dentro da própria escola nos permite perceber que a escola apresenta ainda grandes dificuldades em lidar com essa questão, pois os estudantes parecem não confiar na escola, em contrapartida, a escola tende a compreender o problema como inerente ao cotidiano escolar.

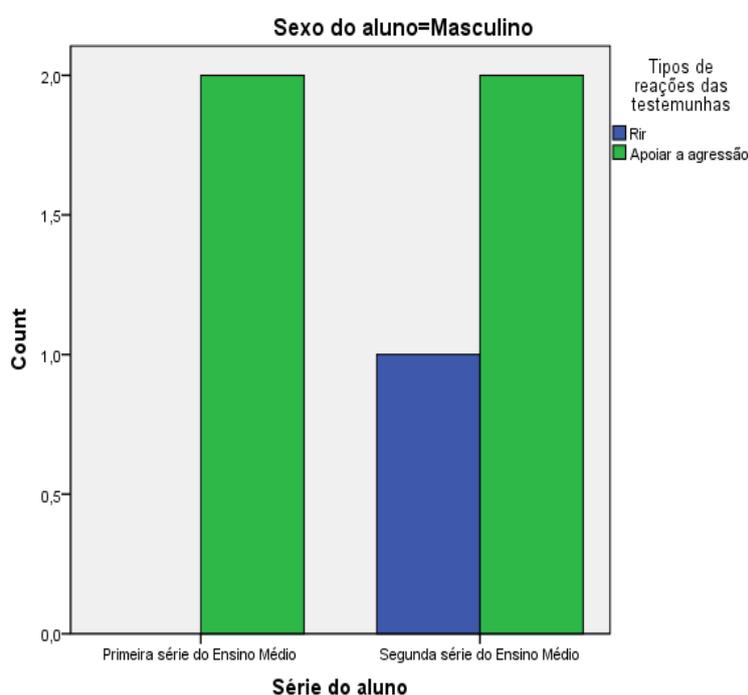




Quando perguntamos sobre a reação daqueles que testemunham as agressões o resultado revela que os estudantes não reagem ou enfrentam a situação, buscando ajuda e apoiando a vítima. É interessante como a opção *apoiar a agressão* aparece liderando as respostas das meninas tanto no 1º ano quanto no 2º ano. O mesmo se repete entre os meninos (ver na tabela a seguir). O que isso significaria? Se a estudante que testemunha um colega sendo agredido resolve apoiar a agressão sua atitude legitima a situação. Não sabemos se a estudante tem plena consciência do quanto sua atitude contribuiu para validar a agressão. Mas, se levarmos em consideração a idade dos estudantes podemos considerar que eles têm consciência que estão errados e, provavelmente, estimulam a agressão como uma medida de defesa, por medo de ser o próximo a ser agredido, perseguido ou ameaçado. Possivelmente, há alguma intenção de fazer o mal, contribuindo para fortalecê-lo, mas acreditamos que essa intenção é permeada por uma dinâmica que banaliza o mal, tornando-o comum e aceitável (Arendt, 1999). Defendemos que essa banalização da maldade permeia algumas situações e relações intersubjetivas dos estudantes.

Entre os meninos as respostas são ainda mais recorrentes. Apoiar a agressão é a única forma de reação entre os estudantes do 1º ano. Já os estudantes do 2º ano responderam que rir é uma forma de reagir quando um colega está

sendo agredido. Lembramos que o mesmo é confirmado por algumas respostas àquela pergunta aberta que indagava o que motiva os autores das agressões. Naquela questão, alguns estudantes responderam “*Achar graça no sofrimento dos outros*”, “*se divertir*”. Ora, essa atitude de deboche é compartilhada tanto pelos autores das agressões quanto por aqueles que a testemunham. Esse cenário está marcado pela falta de respeito ao outro, no sentimento de desprezo pelo sofrimento alheio, na incapacidade de se sensibilizar com a dor do colega, na inacreditável atitude em concordar com a injustiça de modo aparentemente consciente.



Por que isso acontece? O que leva esses estudantes a rir de uma cena de violência? Que valores são esses? O que motiva essa atitude? O que a escola pensa sobre isso? Qual a posição dos professores diante desse dado? Esses são os principais questionamentos que serão abordados nas entrevistas com professores, diretores/coordenadores e docentes, que serão analisadas no próximo capítulo.

Gostaríamos de salientar que, como todo instrumento metodológico de pesquisa o questionário também apresenta limites. Identificamos alguns, como a natureza da resposta, o grau de confiança dos assuntos levantados, a veracidade das respostas e, principalmente, a impossibilidade em desvendar cenários mais complexos. Mesmo apresentando essas lacunas, o questionário nos ajudou a conhecer melhor a realidade dos estudantes, nos proporcionou o contato com as

reivindicações desses estudantes e nos possibilitou construir uma ideia inicial da relação que esses estudantes mantêm com a violência escolar.